

## AQUISIÇÃO DE UMA LÍNGUA ADICIONAL: Métodos para o Ensino de Língua Estrangeira RESUMO

SILVA, Antonio Marcos Alves da Silva<sup>1</sup>

BORGES, Victor Fernandes<sup>2</sup>

### RESUMO

A aquisição de uma língua adicional nos dias atuais não deve ser encarada como uma tendência moderna. Está atualmente alicerçado na necessidade premente de um mundo globalizado, onde a comunicação em rede criou o inter-relacionamento de pessoas falantes de todos os idiomas. O interesse e a necessidade em aprender uma língua estrangeira é datada desde o Brasil colonial progredindo pela expansão da era digital promovendo um estreitamento na comunicação, tais como: conhecimentos linguísticos para fins acadêmicos; relações comerciais; mercado de trabalho; viagens internacionais; etc. O objetivo desse trabalho foi revisar e descrever medidas e métodos para facilitar a relação do docente-discente na aquisição de uma língua estrangeira. O docente atual deve utilizar metodologias híbridas e práticas inovadoras que gere uma fluência natural no processo ensino-aprendizagem.

**Palavras Chaves:** Aquisição; Ensino-Aprendizagem; Língua Adicional; Métodos.

### ABSTRACT

Nowadays, additional language acquisition should not be faced as a modern tendency. Currently, it is based on an urgent needing of a globalization world, where the network communication has created an inter-relationship of speaking people from all languages. The interesting and needing of learning a foreign language is dated since colonial Brazil developing by digital era expansion, promoting a narrowness in the communication, such as: linguistics knowledge for scholar proposes, businesses relationships, labor market, international travels and so on. This paper's goal aimed to review and describe actions and methods to facilitate professor and student's relationship at a foreign language acquisition. Actual teacher must use hybrid methodologies and innovative techniques for resulting a natural fluency in the learning and teaching processing.

**Key-words:** Acquisition; Teaching and Learning; Additional Languages; Methods

---

<sup>1</sup> Graduado do curso de Letras com habilitação em Espanhol na Universidade Estadual do Tocantins- UNITINS, Campus Araguatins- TO. E-mail: machyavelly@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Pós-Graduado em Língua Espanhola: Novas Tecnologias e tradução. Professor na Universidade Estadual do Tocantins. E-mail: vfb270@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A aquisição de uma língua adicional nos dias atuais não deve ser encarada como uma tendência moderna. Atualmente está alicerçado na necessidade premente de um mundo globalizado, onde a comunicação em rede criou o inter-relacionamento de pessoas falantes de todos os idiomas. Assim, em território brasileiro, o interesse e a necessidade em aprender uma língua estrangeira é datada desde o Brasil colonial progredindo pela expansão da era digital promovendo um estreitamento na comunicação, tais como: conhecimentos linguísticos para fins acadêmicos; relações comerciais; mercado de trabalho; viagens internacionais; etc.

Este artigo objetiva analisar e refletir sobre a proposta de ensino e aprendizagem da Língua Adicional (LA) ou Língua Estrangeira (LE). Tenta mostrar os métodos que podem ser utilizados para o ensino de língua dentro da sala de aula para que os estudos de um novo idioma sejam mais eficazes e produtivos.

Este artigo objetiva trazer consigo alguns métodos que podem ser utilizados para o ensino de língua dentro da sala de aula para que os estudos de um novo idioma sejam mais eficazes e produtivos. A seleção por esse tema justifica-se por estar acoplado intimamente, ao cotidiano profissional do educador e do educando, tentando assim contribuir com uma nova postura e prática de ensino de língua adicional no campo empírico e científico, pois, o processo de aquisição da linguagem falada e escrita é um procedimento natural e contínuo para o ser humano que não tenha nenhum fator biológico que o impossibilite.

## 2 METODOLOGIA

Este trabalho é de cunho bibliográfico, sendo adotado e realizado de maneira descritiva, juntamente apoio dos teóricos; Filho (2008), Kelly (2000), Paiva (2012-2014), Raimes (1983) e outros que abordam sobre os métodos e ensino de uma Língua Estrangeira para que possa alcançar ao objetivo desse estudo.

Ainda na finalidade de decorrer sobre o tema desse artigo fez-se uma questionário , realizada na Universidade Estadual Tocantins, onde vinte e cinco acadêmicos que fazem o curso de LETRAS sendo eles, do 2º, 4º, 6º e 8º período que responderam a três perguntas fechadas e relacionadas ao ensino de língua espanhola, justamente por se tratar da língua estrangeira que é ofertada no curso Letras da instituição.

## 3 LÍNGUA ADICIONAL E SUA AQUISIÇÃO

Língua Estrangeira (LE) é um idioma em adição a outra (s) língua (s) já presentes no repertório do indivíduo. Esse termo pode ser aplicado a qualquer língua que não seja a língua materna, como a língua estrangeira oficial ou não oficial aprendida fora ou dentro da escola, Sousa (2014) destaca que:

A designação de língua estrangeira emprega-se num contexto de aprendizagem de qualquer língua não materna, tendo em conta uma situação linguística de falantes-ouvintes que partilham uma outra língua que não a língua alvo. (SOUZA, 2014, p. 103)

A partir da língua materna, a Língua Estrangeira valoriza o contexto social do aluno e possibilita uma visão crítica da língua no processo de aprendizagem. Essa ideia é defendida por Schmidt (2017) quando diz que “Língua Estrangeira, tem atualmente o conceito de língua adicional, que são as línguas que visam complementar a língua materna e não substituí-la, formando um contexto de bilinguismo social e individual.”

Schlatter e Garcez (2012) afirmam há recursos disponíveis ao aprender um novo idioma, abrindo e ampliando a capacidade de aprendizagem do aluno.

[...] as oportunidades concretas para os alunos experimentarem os recursos disponíveis na língua adicional em novos espaços de aprendizagens, ampliando sua capacidade de ação nos demais componentes curriculares, com retornos também em termos de participação na comunidade escolar, nas comunidades locais e além delas (SCHLATTER e GARCEZ, 2012, p. 67)

Por sua vez, a língua adicional é qualquer língua que é aprendida em agregação a língua materna. No Brasil o idioma oficial é o Português Brasileiro, portanto quaisquer línguas fora o Português aprendida no território brasileiro é considerada uma língua adicional. A língua brasileira de sinais e a anagliptografia são exemplo língua adicional na abrangência de território nacional, assim nos afirma Cea (2016): “LÍNGUA ESTRANGEIRA: é quando você aprende em um país onde a língua falada não é a língua alvo.”

Compreende-se que uma Língua Estrangeira é qualquer língua que não seja a materna do indivíduo e aprendida de forma oficial ou não oficial, fora do país de origem dessa língua. A princípio, o aprendiz dessa língua não tem conhecimento de suas regras gramaticais, escritas, fala, padrões sociais e culturais. Regras que muitas vezes são completamente diferentes do seu idioma nativo ou podem haver muitas similaridades com seu idioma, que pelo o entendimento de Schmidt (2017) a segunda língua vai desempenhar um papel de comunicação diária onde o aprender a utilizar os paradigmas do idioma que está sendo estudado, de começo podem ser difícil praticá-los, embora o idioma que esteja se aprendendo seja diferente do seu idioma nativo, ele possa ainda lograr suas funções no contexto de interação no ambiente escolar ou comunitário.

Pode-se simplificar melhor o conceito de Schmidt (2017), ao comparar as seguintes frases em línguas distintas: *I drink strawberry juice every day.* (en-us)<sup>3</sup>. *Je bois du jus de fraise tous les jours.* (fr)<sup>4</sup>. *Eu tomo suco de morango todos os dias.* (pt-br)<sup>5</sup>. O contraste entre essas línguas, na escrita, formação de palavras, estrutura gramática e ainda mais na forma como pronuncia-se as sentenças. Se tomar por exemplo a língua espanhola, italiana e portuguesa vê-se muitas semelhanças entre si nos seus aspectos linguísticos. *Yo tomo jugo de fresa todos los días.* (es)<sup>6</sup>. *Eu tomo suco de morango todos os dias.* (pt-br)

Por esse método de comparação Venturi (2008) afirma que “a aquisição de uma língua estrangeira próxima, ou seja, de uma segunda língua vizinha, de mesmas raízes românticas, procuramos refletir sobre *facilidade e dificuldades* decorrentes dessa semelhança, entre a língua materna e a língua a ser aprendida.

Por este respaldo, tende-se a fazer uma assimilação da língua que está sendo aprendida com a língua materna ou a outra, processo natural de qualquer indivíduo que esteja aprendendo um novo idioma, as palavras de Venturi vêm nos dizer que:

Na tentativa de compreensão e de formulação de hipóteses interpretativas, os sujeitos [quem está aprendendo o outro idioma] desenvolvem uma atitude metalinguística, isto é, de recuo em relação a sua própria língua e de interrogação sobre a língua aprendida [...] (VENTURI, 2008, p. 32)

Entretanto, nessa perspectiva, quando essa Língua Estrangeira é assimilada os sujeitos conseguem decifrar seus códigos linguísticos torna-se uma língua adicional. Traduz-se que Língua Adicional é a evolução do termo Língua Estrangeira, embora essa língua continue sendo diferente da língua materna do aprendiz.

---

<sup>3</sup> Inglês dos Estados Unidos

<sup>4</sup> Francês

<sup>5</sup> Português do Brasil

<sup>6</sup> Espanhol

## 2.1 Aquisição da Linguagem

Paiva (2012) enuncia que “inúmeras teorias têm tentado explicar como se aprende um outro idioma, mas nenhuma dessas podem se afirmar certa ou errada”. Diversas teorias que tentam explicar sobre a aquisição da linguagem, porém a teoria Behaviorista-estrutural foi a elegida para a melhor entendimento dessa cognição; o ato que o indivíduo consegue adquirir habilidades de leitura, escrita, fala e compreensão de outro idioma. De antemão, Paiva (2012) em seu livro *Aquisição de Segunda Língua* (2014) deixa explícito, que no modelo Behaviorista-estrutural para aquisição de um idioma, não existe um proponente específico e nem uma formulação teórica propriamente dita, mas princípios linguísticos e psicológicos tentam explicar esse fenômeno, pois como assegura que:

O behaviorismo é uma teoria que estuda eventos psicológicos a partir de evidências comportamentais e se apresenta como uma psicologia objetiva, em oposição ao subjetivismo [...]. O behaviorismo é uma doutrina que entende a psicologia como ciência do comportamento e não da mente. (PAIVA, 2014, p. 12)

Entende-se nessa perspectiva que a aquisição da língua materna, quanto a uma língua adicional, ocorre devido a eventos psicológicos do indivíduo que está inserido em seu âmbito familiar, no qual seu comportamento é explicado em termos de estímulos e respostas. Se esse indivíduo for estimulado para a aprendizagem de um idioma adicional, terá como resposta a sua aquisição. Paiva traz essa questão ao dizer que:

Os comportamentos são explicados em termos de estímulos e respostas. O estímulo é definido por qualquer objeto no ambiente geral ou quaisquer mudanças no organismo devido a condições fisiológicas [...] Watason (1930:225) define língua apesar de reconhecer suas complexibilidades, como um tipo simples de comportamento, um hábito manipulável, e considera a aprendizagem como uma questão de condicionamento [...]. (PAIVA, 2014, p. 13)

A afirmação de Paiva (2014), conclui-se que falar um outro idioma é simplesmente um hábito que adquirimos, cujo hábito é manipulável, que são obtidos em determinado momento da vida do indivíduo, podendo conquistar sua total autonomia em capacidade de dominar outro idioma, pois a aprendizagem é um fator dependente, porque o principal pressupostos da teoria da aprendizagem em geral segundo Paiva (2014) é sinônimo de formação de hábitos e de seus princípios que são: A aprendizagem acontece através de repetições e estímulos; Os reforços positivos e negativos têm influência para a formação dos hábitos desejados; A aprendizagem ocorre melhor se as atividades forem graduadas.

A partir dos princípios expostos por Paiva (2014), estes três métodos básicos para a aquisição de uma LA são indispensáveis, pois a repetição dos vocábulos, frases e do que se ouve fará que aprendizagem seja promissora e gradativa, nivelando eficazmente o conhecimento naquele idioma em processo de aprendizagem. Remetendo ao profissional de

língua, esse deve se posicionar com seus *feedbacks* positivos ou negativos ao acadêmico de acordo com sua evolução na cognição desse novo idioma.

O professor deve ser ciente que um *feedback* negativo serve com meio auxiliar para estimular o desejo aluno na LA de nivelar seu conhecimento e não desestimular o seu interesse que poderia causar a desistência. O docente precisa observar e conhecer a necessidade de cada um de seus alunos, para dar os estímulos segundo as necessidades individuais na perspectiva behaviorista:

A aprendizagem é um comportamento observável, adquirido de forma mecânica e automática por meio de estímulos e respostas. Os mecanismos centrais da formação de hábitos são o condicionamento e o reforço, definido por Politzer (1968:14) como “a satisfação que o indivíduo recebe como resultado de sua *performance*”. [...] behaviorismo [tem] o conceito de transferência pois ao se aprender algo novo, estamos sujeitos a processos psicológicos de transferências positivas e negativas de aprendizagens anteriores. (PAIVA, 2014, p. 15,16)

Portanto, o modelo behaviorista-estrutural resume cinco princípios básicos para o ensino de línguas e se conseguirmos compreender e utilizá-los o ensino e aprendizagem de um idioma tornar-se-á mais eficaz, e são eles: 1º - a língua é fala e não somente escrita; 2º - é um conjunto de hábitos; 3º - deve-se ensinar a língua e não sobre a língua; 4º - a língua é o que os falantes falam e o que os nativos falam e não o que alguém pensa que eles devem falar e 5º as línguas são diferentes.

### 3 Métodos de Ensino e Aprendizagem

Antes de começar a explanar esse tópico, deve-se fazer uma reflexão sobre o que seria método, pois na sua perspectiva o método é algo mais privado e explícito, indicando assim onde e por onde o docente de línguas possa começar a inserção do ensino de uma LA, desde modo seus procedimentos e técnicas colocarão suas abordagens em ação, segundo as palavras de Guinski (2008):

O professor segue uma sequência de técnicas que, se fossem aplicadas “corretamente” e seguidas à risca, fariam com que os resultados da aula fossem atingidos. Métodos são quase sempre pensados como uma única possibilidade a ser aplicada em uma variedade de diferentes contextos e para diferentes aprendizes. (GUINSKI, 2008, p. 23)

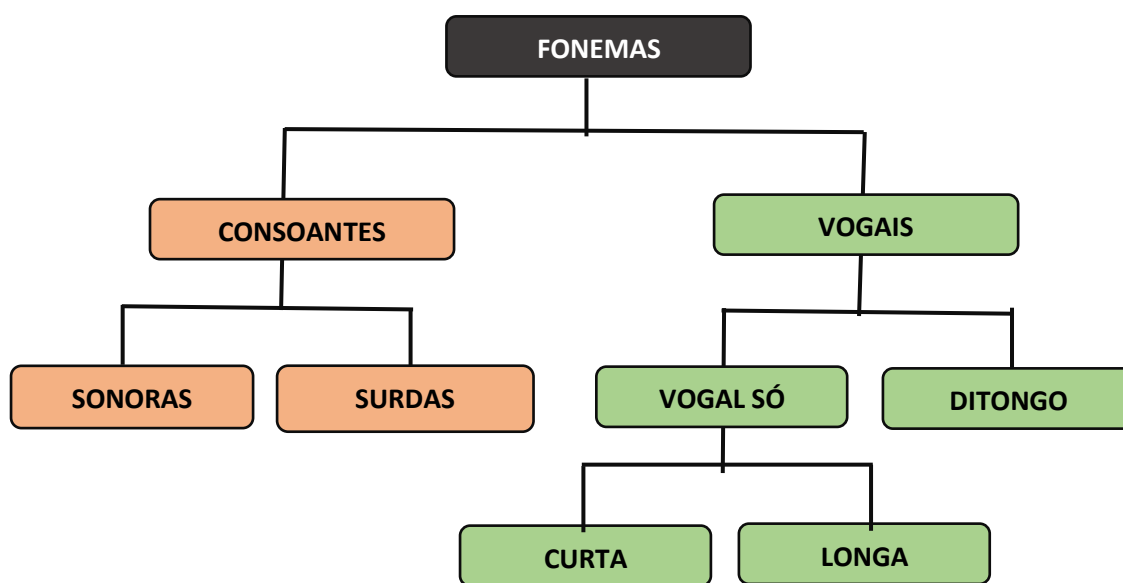
Existem inúmeros métodos disponíveis que podem ser aplicados na sala de aula, todavia o que serão abortados em seguida são: A Pronúncia, Escrita, Leitura e Gramática. Não entenda que esses métodos sejam os melhores ou mais eficazes para o ensino de línguas e sim como os mais pertinentes e os que condizem com esse trabalho.

#### 3.2 Pronúncia

É muito comum nas aulas de uma segunda língua os alunos e professores reclamarem sobre as dificuldades da fala, porém Newton (2009, p. 75) afirma que: “Quando alguns

professores e alunos queixam-se sobre a dificuldade em falar, eles geralmente estão referindo-se sobre a pronúncia.”<sup>7</sup> Paiva (2012, p. 132) diz que a pronúncia é uma grande dificuldade para aqueles (professores e alunos) que têm pouco contato com a língua.

Kelly (2000) e Newton (2009) asseguram que são muitos os aspectos envolvidos na pronúncia correta das palavras do idioma que está sendo estudado, a variação linguística inserida no idioma é um fator primordial. Kelly (2000, p. 1) pensa que “para podemos estudar como algo funciona, as vezes é necessário dividi-lo em suas partes constituintes.”<sup>8</sup> Nesse aspecto ele dividiu o funcionamento da pronúncia de um idioma em um diagrama de acordo com padrões da fala e da língua:



Fonte: Kelly (2000)

Os fonemas são os sons produzidos com as articulações das cordas vogais em uma língua. Cada língua terá o seu aspecto fonético diferenciado, todavia não se pode confundir fonemas com letras, pois um idioma pode haver letras diferentes para apresentar o mesmo som (fonema), e os fonemas podem ser numerados segundo Kelly (2000):

Phonemes are the different sounds within a language. Although there are slight differences in how individuals articulate sounds, we can still describe reasonably accurately how each sound is produced. [...] It is this principle which give us the total number of phonemes in a particular language. (KELLY, 2000, p. 1).<sup>9</sup>

<sup>7</sup> When some teachers and learn complain about the difficulties of speaking they are often talking about pronunciation.

<sup>8</sup> In order to study how something works it is often useful to break it down into its constituent parts.

<sup>9</sup> Os fonemas são diferentes sons (produzidos) dentro de uma língua. Embora haja uma pequena diferença como (cada) individuo articula o som. É este o princípio que nos dá o número total de fonemas numa língua em particular. Tradução própria.

Os fonemas são representados por símbolos em livros, dicionários. Esses símbolos representa a forma que cada letra deve ser pronunciada. O alfabeto fonético pode ser utilizado com qualquer idioma. O *International Phonetics Alphabet (IPA)*<sup>10</sup> contém todos os fonemas produzidos pelos humanos independentemente do idioma. Veja apresentação fonética de algumas palavras em algumas línguas. Cidade /sid'adzɪ/ (pt-br), City /'sɪt i/ (en-us), Ciudad /θju.'ðað/ (es-es) Ville. /'vil/ (fr). O Alfabeto Fonético internacional pode ser encontrado no site: <https://www.omniglot.com/writing/ipa.htm>. Além da pronuncia têm outros métodos a serem abordados, continuando, esse artigo passa a tratar sobre o ensino da escrita em aulas de língua adicional.

### 3.3 Escrita

O ato de ler e escrever tem estado presente na vida cotidiana das pessoas há muito tempo. A escrita na sua forma gráfica e digital estreita a comunicação, além do que para os que estão aprendendo um novo idioma é um auxílio formidável para essa aquisição segundo o pensamento de Raimes que diz:

The fact that people frequently have to communicate with each other in writing is not the only reason to include writing as a part of our second-language syllabus. There is an additional and very important reason: writing helps our students learn. How? First, writing reinforces the grammatical structures, idioms, and vocabulary that we have been teaching our students. Second, when our students write, they also have a chance to be adventurous with the language, to go beyond what they have just learned to say, to take risks. Third, when they write, they necessarily become very involved with the new language; the effort to express ideas and the constant use of eye, hand, and brain is a unique way to reinforce learning. (RAIMES, 1983, p. 3)<sup>11</sup>

O ensino da escrita e de seu estudo nas aulas de algum idioma adicional tornam-se necessário para que o aluno consiga chegar no grau de aquisição almejado, pelo uso da escrita. Faz com que o estudante tem mais contato com o idioma, pelas as estruturas gramaticais, expressão idiomáticas e vocabulário citado por Raimes (1983). E nesse pensamento que este artigo traz nessa seção alguns procedimentos que o professor possa utilizar nas aulas de língua estrangeiras para inserir o ensino/método de escrita nas aulas.

---

<sup>10</sup> Alfabeto Fonético Internacional.

<sup>11</sup> O fato de que as pessoas precisam de comunicar frequentemente umas com as outras por meio da escrita, não é a única razão para incluir a escrita como parte do ensino de um idioma. Há uma razão adicional e mais importante para isso: escrever ajuda os nossos estudantes a aprender. Como? primeiro, escrever reforça as estruturas gramaticais, expressões idiomáticas e vocabulário que tem sido ensinado aos alunos. Segundo quando os alunos escrevem, eles também têm a chance de estar se aventurando com o idioma, de irem além do que eles aprenderam a dizer, correr riscos. Terceiro quando eles escrevem, eles se tornam necessariamente envolvidos com o novo idioma, nesse esforço de expressar ideias e esse contato com o olho, mão e cérebro é uma maneira única de reforçar o aprendizado. *Tradução própria.*



Paiva (2012), diz que as cartas, e-mail, bate-papo, relatório, formulários, biografia e autobiografia, reportagem, resumos, contos, diários, anotações das aulas, etc. são medidas que podem ser aproveitadas para auxiliar o aluno na escrita do idioma estrangeiro, ainda salienta que essas práticas devem ser trabalhadas em contexto acentuado que condiga ao ato de escrever, pois nessa perspectiva o aluno vai conseguir analisar e compreender a estruturas da língua pelo o que escreve e seguindo a ideia de Raimes (1983), esses método trazem consigo as seguintes especialidades: A possibilidade do escritor comunicar-se com o leitor; expressar ideias sem a necessidade de uma comunicação cara a cara; explorar e tornar-se familiar com as convenções da escrita da língua em aprendizado.

As aulas de língua estrangeira tornar-se-ão mais produtivas se o professor puder inserir tais métodos quando o assunto envolva a escrita, pois a escrita é tão importante quanto a fala para poder comunicar e ter melhor aquisição do idioma em estudo, outro aspecto ou método de essência é a leitura, que será discutir do tópico seguinte.

### 3.4 Leitura

A leitura é um dos métodos auxiliares para o aprendizado de um idioma, pois uma boa prática de leitura em conformidade com Paiva (2012) traz uma integração com outras habilidades; escrita e compreensão oral.

A leitura pode ser o ponto de partida para outras atividades comunicativas. Alguns exemplos são: ler uma notícia na internet e depois postar um comentário no espaço reservado ao leitor, ou em um *blog* ou *Twitter*; ler a crítica de um filme e depois assistir ao ser trailer, ler uma letra de música e depois ouvir a canção; ler piadas e depois recontá-las. (PAIVA, 2012, p. 82,83)

As inúmeras possibilidades que o professor de língua estrangeira pode trazer para a sala de aula com intuito de aprofundar mais o conhecimento do aluno no quesito leitura e escrita são colossais, pelos meios disponíveis na rede de acesso às informações (conteúdos). Não há necessidade de apenas trabalhar um texto que esteja no livro didático. Há várias formas que acarretam no processo de leitura e escrita nas aulas de línguas. Paiva (2012) ainda frisa que seria aconselhável buscar material de leitura onde haja uma gravação em áudio no meio, uma vez que desse modo a prática da pronúncia será também aplicada.

É adequado que o professor crie uma estratégia (planejamento) de leitura em suas aulas. De antemão explanar o que realmente vai passar e o que deseja (espera) ao ler determinado texto. Paiva (2012), nos orienta que o leitor habilidoso busca táticas no que se lê: a leitura de todo o texto ou apenas informações específicas. Duas estratégias mais utilizadas são *scanning* e *skimming*, Paiva (2012) as traduz por:

Chama-se de *scanning* a estratégia de leitura rápida com a finalidade de encontrar um item ou ponto específico, um nome, uma data. A palavra *skimming* significa leitura ou exame superficial. O termo é como uma metáfora associada ao ato de escumar, ou

seja, de retirar como uma escumadeira, espuma, nata, [...] A estratégia consiste em uma leitura rápida para obter uma ideia geral do texto. (PAIVA, 2012, p. 88)

Nesse desígnio, Paiva (2012) faz sugestões de leitura e o que pode ser extraído dos textos nesse processo.

**1º Pré-leitura**, o professor pode ativar o conhecimento dos alunos com perguntas sobre o que eles sabem sobre aquele tópico. Relacionar do assunto do tema do texto com as experiências pessoais dos alunos. Esclarecer sobre o tipo de texto e gênero a ser lido. Utilizar o título e/ou subtítulos para previsão de conteúdo. Explorar as imagens, gráficos e outras ilustrações. *Scanning* para localização de informações específicas e *Skimming* para determinar as ideias principais

**2º Durante a Leitura**, o professor pode fazer as seguintes abordagens: Perguntas para auxiliar na compreensão do texto. Exercícios de falso e verdadeiro. Exercícios de múltipla escolha. Frases para completar estudo sobre o vocabulário mais relevante (classe gramatical, sinônimos, antônimos, prefixos, sufixos). Ordenação de eventos em ordem cronológica. Identificar possíveis erros em um texto. Tradução do texto.

**3º Pós-leitura**, esse processo, a produção de um resumo seria eficaz. Fazer comparação de textos com mesmo assunto. Desenhos para ilustrar o texto. Retextualizar o texto, mudando-o de ponto de vista ou inserindo-o em outras culturas e épocas diferentes.

Com esses processos a leitura de um texto torna-se mais agradável e atendendo a sua real necessidade de agregar conhecimentos específicos na língua em estudo. O leque de vocabulário, fatos culturais da língua e regras gramaticais são numerosos que podem ser trabalhados na leitura.

### 3.5 Gramática

Indivíduos que estudam a sua língua materna ou uma língua adicional depararão em algum momento com a gramática da língua estudada. Muitos consideram esse encontro assustador e que as regras gramaticais são difíceis para entendimento, devido suas inúmeras especificações, que às vezes nas línguas faladas não as usam, em contraste ao supramencionado, Paiva (2012) dá-nos outro entendimento sobre a gramática e como ela pode ajudar àqueles que estão trilhando para aprender um novo idioma.

Se consultarmos os dicionários, veremos que a maioria traz duas definições recorrentes no verbete gramática. A primeira refere-se à descrição de como as palavras se organizam dentro das estruturas linguísticas, e a segunda diz respeito ao estudo de regras gramaticais. Mas gramática é muito mais do que isso, pois inclui aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos e pragmáticos. (PAIVA, 2012, p. 51)

A autora ainda aponta que há autores que defendem a ideia que o ensino da gramática não seja eficaz ao aprendizado de um novo idioma, todavia Paiva (2012) intervém a dizer que

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

“ensinar gramática é um componente fortíssimo nas aulas de qualquer idioma, lembrando que esse ensino de gramática não pode ser descontextualizado ou com frases artificiais e triviais”. Ao observar a frase *The book on the table*<sup>12</sup> a autora afirma que seria uma sentença irrelevante ao ensino de gramática, pois dificilmente alguém a diria.

Nesse contexto, Paiva (2012) apresenta técnicas de como ensinar gramática, mas antes apresenta duas formas de ensino de gramática; a *dedutiva* e a *indutiva* que classifica como:

As formas tradicionais de ensino de gramática são: a dedutiva e a indutiva. No ensino dedutivo, o professor apresenta a definição ou teoria e, em seguida, fornece exemplos; o objetivo é analisar a língua. No indutivo, o professor apresenta primeiro os exemplos; em seguida, os alunos usam a língua e, posteriormente, analisam os exemplos e inferem as regras gramaticais. (PAIVA, 2012, p. 55)

Com essas informações podem concretizar que o ensino dedutivo tem o foco nas regras gramaticais, a forma, o modo como elas se conectam com a língua, em contrapartida a forma indutiva preocupa-se no uso dessas regras tanto no idioma falado e escrito. Ambas as formas têm suas vantagens e desvantagens na concepção de Paiva (2012)

[...] uma vantagem do método dedutivo é fazer o aluno que o aluno adquira conhecimento sobre a língua, mas a desvantagem é que não o ajuda a desenvolver habilidades comunicativas. No método indutivo, a vantagem é possibilitar que o aluno aprenda a gramática por meio do uso da língua, e a desvantagem é que “somente um professor inovador é capaz de usar esse método”. (PAIVA, 2012, p. 56)

Qual das técnicas deveria utilizar ou qual deveria ser a estratégia de ensino? O ideal seria mesclar as duas técnicas, criando uma técnica híbrida tornando o ensino da gramática mais suave e menos enfadonho.

Desvendado os termos dedutivo e indutivo, foi selecionado três métodos ou técnicas para o ensino de gramática expostos por Paiva (2012). É sabido que as técnicas apresentadas são apenas sugestões para a gramática em sala de aula sem perder o foco da comunicação, por ser um princípio ativo para a aprendizagem de um idioma.

### 3.5.1 Banco de Amostras de Estruturas Gramaticais

O banco de amostras de estruturas gramaticais por Paiva (2012), são livros, jornais, revistas, filmes, podcasts, qualquer arquivo circulatório da língua ensinada que tragam aspectos importantes da sintaxe e do uso da língua, isso aumentará a observação do aluno para os fatores gramaticais e como o idioma se comporta no seu “próprio território”. Observe um trecho do *Antes Que Anochezca* (1996) e o que pode ser extraído para uma possível aula de gramática.

Un día mi madre y yo íbamos caminando hacia la casa de una de mis tías. Al bajar al río vimos a un hombre que venía hacia nosotros; era un hombre apuesto, alto, trigueño. Mi madre se enfureció súbitamente; empezó a coger piedras del “río y a tirárselas por la cabeza a aquel hombre que, a pesar del torrente de piedras, siguió acercándose a nosotros. Llegó hasta donde yo estaba, metió la mano en el bolsillo, me dio dos pesos, me pasó la mano por la cabeza y salió corriendo, antes de que alguna pedrada lo

<sup>12</sup> O livro está sob a mesa (*tradução livre*)

descalabrase. Durante el resto del camino mi madre fue llorando y, cuando llegamos a la casa de mi tía, yo me enteré de que aquel hombre era mi padre.  
(ARENAS, 1996, p. 39)

Nesse fragmento do livro poderia ser explanado em uma aula de gramática de língua espanhola o uso dos tempos verbais pretérito imperfeito e pretérito perfeito simples fazendo uma comparação entre os dois tempos verbais e além disso outros recursos linguísticos e gramaticais da língua sob inferência das técnicas dedutiva e/ou indutiva. Esse tipo de amostra pode ser útil para o enriquecimento do conhecimento tanto do aluno como do professor, afirma Paiva (2012, p. 62). É justamente essa maturação de ideias como sedimentação do conhecimento que o professor deve fazer o aluno buscar, “apalpar” e assimilar, pois a gramática tem sua utilidade no aprendizado de um idioma.

### 3.5.2 Dramatização

Uma outra técnica para o ensino de gramática nas aulas de línguas estrangeiras, são as dramatizações; peças teatrais, pois segundo Paiva (2012, p 62) a sua abrangência intensifica o uso de determinada estrutura ou regra gramatical. Sugere que pode ser proposto nas aulas a dramatização de livros clássicos, entrevistas, *scripts* de filme, resumindo a qualquer meio que ambiente a língua falada, escrita sob as regras gramatical do idioma lecionado. Note parte do *script* do filme *Titanic* de James Cameron (1997):

EXT. OCEAN. Jack and Rose drift under the blazing stars. The water is glassy, with only the faintest undulating swell. Rose can actually see the stars reflecting on the black mirror of the sea. Jack squeezes the water out of her long coat, tucking it in tightly around her legs. He rubs her arms. His face is chalk with in the darkness. A low moaning in the darkness around them. ROSE. It's getting quiet. JACK. Just a few more minutes. It'll take them a while to get the boats organized [...] ROSE: I don't know about you, but I intend to write a strongly worded letter to the White Star Line about all this. Rose laughs weakly, but it sounds like a gasp of fear. Rose finds his eyes in the dim light. ROSE. I love you Jack. Jack takes Rose's hand. JACK. No... don't say your good-byes, Rose. Don't you give up. Don't do it. (CAMERON, 1997)

No trecho do *script* percebe-se nas falas das personagens o uso do presente simples, futuro da língua inglesa. Além de apresentar outras formas gramaticais o professor pode usar esse recurso da dramatização para aproximar o aluno com a língua e sua gramática de forma mais dinâmica, pois segundo Paiva (2012) esse tipo de trabalho propicia aos aprendizes a comparar formas verbais e suas diferenças.

### 3.5.2 Dramatização

Uma outra técnica para o ensino de gramática nas aulas de línguas estrangeiras, são as dramatizações; peças teatrais, pois segundo Paiva (2012, p 62) a sua abrangência intensifica o uso de determinada estrutura ou regra gramatical. Sugere que pode ser proposto nas aulas a dramatização de livros clássicos, entrevistas, *scripts* de filme, resumindo a qualquer meio que

ambiente a língua falada, escrita sob as regras gramatical do idioma lecionado. Note parte do *script* do filme *Titanic* de James Cameron (1997):

EXT. OCEAN. Jack and Rose drift under the blazing stars. The water is glassy, with only the faintest undulating swell. Rose can actually see the stars reflecting on the black mirror of the sea. Jack squeezes the water out of her long coat, tucking it in tightly around her legs. He rubs her arms. His face is chalk with in the darkness. A low moaning in the darkness around them. ROSE. It's getting quiet. JACK. Just a few more minutes. It'll take them a while to get the boats organized [...] ROSE: I don't know about you, but I intend to write a strongly worded letter to the White Star Line about all this. Rose laughs weakly, but it sounds like a gasp of fear. Rose finds his eyes in the dim light. ROSE. I love you Jack. Jack takes Rose's hand. JACK. No... don't say your good-byes, Rose. Don't you give up. Don't do it. ROSE: I'm so cold. JACK: You're going to get out of this... you're going to go on and you're going to make babies and watch them grow and you're going to die an old lady, warm in your bed. Not here. Not this night. Do you understand me? [...] You must do me this honor... promise me you will survive... that you will never give up... no matter what happens... no matter how hopeless... promise me now, and never let go of that promise. ROSE. I promise. JACK Never let go. ROSE. I promise. I will never let go, Jack. I'll never let go. She grips his hand and they lie with their heads together. It is quiet now, except for the lapping of the water. (CAMERON, 1997)

No trecho do *script* percebe-se nas falas das personagens o uso do presente simples, futuro da língua inglesa. Além de apresentar outras formas gramaticais o professor pode usar esse recurso da dramatização para aproximar o aluno com a língua e sua gramática de forma mais dinâmica, pois segundo Paiva (2012) esse tipo de trabalho propicia aos aprendizes a comparar formas verbais e suas diferenças.

### 3.5.3 Realce Textual

Essa técnica pretende chamar a atenção do aluno para os fatores gramaticais de acordo com o método que o professor utiliza, sendo o livro didático ou literário, filmes, jornais, entrevistas, letras de músicas, *scripts* de filmes, todos os recursos citados na técnica de dramatização, do banco de amostra etc. Outro fator importante para técnica de Realce Textual segundo Paiva (2012) é que esse procedimento aumenta o foco do aprendiz para o assunto realçado no caso as regras gramaticais. Propõe ainda, que o professor siga quatro passos com a finalidade de aplicar o Realce Textual:

1. Selecionar um ponto gramatical no qual os alunos precisam prestar a atenção. 2. Realce esse aspecto no texto. No texto escrito são em negrito, sublinhado itálico. No texto oral, são repetições, ênfase na pronuncia. 3. Usar estratégias para manter a atenção dos alunos no significado. 4. Não fornecer informações metalinguísticas. (PAIVA, 2012, p. 58).

O trecho da música *Ocean* do cantor Alok (2018) pode selecionar alguns pontos gramaticais que precisam ser focados pelo aluno. Veja o trecho:

*I saw* an angel looking at *me*. All *she wanted was* to go to the sea. Don't worry, ma. [...]. Wish *I told you I loved you* more. Maybe *I was* lost before. **Showed** affection to only gold. While the sunset **made** me cold. Swear *I won't* complain no more. Doesn't

matter if we're rich or poor. **Found out** that we don't live to die. Even though there is no reason why.<sup>13</sup>

Contaste que o que estão em negrito todos os verbos no passado simples e o que estão em itálico são pronomes, chamando atenção para esses detalhes que estão escritos, voltado depois para a oralidade, a repetição e ênfase na pronúncia correta das palavras forma que foi apresentada no item 3.2 desse artigo. “Esses métodos de relação entre o professor e o aluno perceberá a maneira correta a ser utilizada”. Destaca Paiva (2012).

Por essa observação, Paiva (2012) defende a ideia que da gramática contextualizada, para o ensino das regras gramaticais. Acredita que esse é um meio promissor e eficaz, pois o aluno se insere no meio circulatório da língua e onde suas regras são empregadas e utilizada na conversação cotidiana.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos presam por um conhecimento empírico acerca da temática, tomando consciência desses fatos, os dados coletados buscam revelar a opinião dos acadêmicos em relação ao ensino de L.A. Vale ressaltar que este trabalho não tem como principal objetivo provar se os métodos aplicados são pragmáticos. Morais (1988) traz-nos o princípio e significância básica do senso ou conhecimento empírico.

O senso comum ou conhecimento vulgar pode ser designado como empírico que provém da experiência comum das gentes. Diferencia-se do experimento, ou seja, a vivência nos permite as percepções cotidianas ocasionais e daí se origina a experiência. (MORAIS, 1988, p. 25)

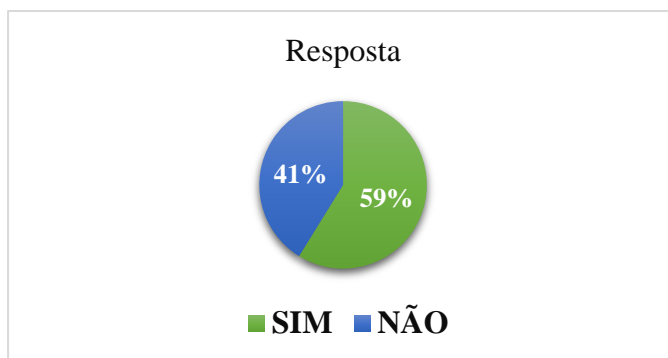
Levantada e respondida a questão sobre o que é empirismo, vejamos a amostra de dados deste trabalho. Para facilitar a compreensão do leitor, será apresentado as perguntas do questionário e em seguida o resultado dos dados em gráfico para sua melhor compreensão. A primeira pergunta feita aos acadêmicos foi voltada ao uso da pronúncia (fonética) do idioma estudado.

##### 4.2 Pergunta Número 1

*No decorrer de todos os períodos já cursados, o profissional de língua espanhola (professor) preocupou-se e/ou preocupa-se em ensinar a fonética padrão e correta da língua?*

---

<sup>13</sup> Letra da música *Ocean* do cantor/DJ Alok produzida em 2018 disponível na íntegra em: <https://www.letras.mus.br/alok/ocean-feat-zeeba-e-iro/>



**Fonte:** Pergunta Número #1 Questionário de Sondagem

Os dados mostram que 41% dos alunos afirmam que os professores preocupam-se com o ensino da fonética da língua espanhola, ou seja, buscam aproximar o máximo possível da realidade fonética e padrão do uso normativo da língua. E 59 % concordam que os professores de língua adicional não priorizam ensinar como funcionam realmente a pronúncia dos sons na língua.

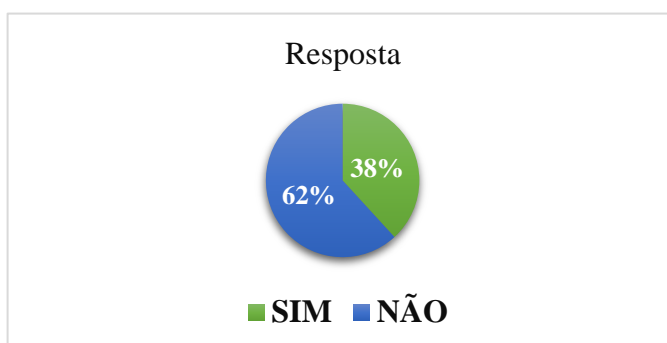
Paiva (2012, p. 138) aborda que não é necessário que o professor domine todos os fonemas dentro da língua ensinada, mas esta precisa conscientizar os alunos que não existe uma pronúncia melhor do que a outra e sim uma pronúncia que seja amigável e entendível aos falantes da língua em questão, pois todo aprendiz em fase de aquisição de uma LA sofre influência do idioma materno de acordo com Paiva (2012):

A interferência da primeira língua é algo inevitável. No japonês, por exemplo todas as palavras terminam em vogais. Isso leva os japoneses a adicionar vogais no final das palavras, como o som [u], no final de book [buku]. [...] você provavelmente achou isso engraçado, mas eles também devem achar engraçado quando ouvem brasileiros falando *book* [buki] em vez de [bök], *smile* [ismail] em vez de [smail]. (PAIVA, 2012, p. 138)

Destarte é compreensível que há certas variações na pronúncia. Variações essas que fazem inferências da língua materna, mas o professor e o aluno precisam se atentar para esses casos e procurar estabelecer uma relação de sua língua materna e melhor aproximação da fonética da língua estudada.

### 4.3 Pergunta Número 2

*É trabalhada de forma precisa e regular a escrita e leitura do idioma estrangeiro?*



Fonte: Pergunta Número #1 Questionário de Sondagem

Os números mostram que 62% dos acadêmicos ressaltam que a escrita e a leitura do idioma espanhol são apresentadas de forma precisa e regular, mas 38 % apontam que a forma de se trabalhar a língua não é objetiva ao uso regular do idioma. Assim, Paiva (2012) salienta que:

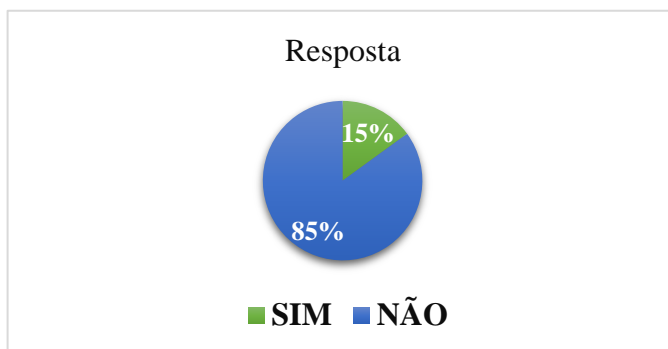
Aprender a ler em outra língua acontece de forma paralela à aquisição dessa língua, o que implica um nível maior de dificuldade. Um dos problemas enfrentados pelos aprendizes brasileiros, além do vocabulário restrito, é a compreensão de determinadas estruturas sintáticas, como os sintagmas nominais, especialmente aqueles cujos núcleos são acompanhados de muitos modificadores. Esse é um, dentre outros aspectos estruturais, que merece atenção especial nas atividades de compreensão de textos para ajudar na leitura de sintagmas nominais, a tradução pode ser um bom recurso para o aluno entender que a compreensão não se dá pela tradução literal e linear de um conjunto de palavras e que é preciso primeiro localizar o núcleo do sintagma. (PAIVA, 2012, p. 86)

Nesse sentido o professor precisa ter o cuidado ao passar um texto na classe. Ele precisa saber o que realmente vai implicar aquela leitura, quais pontos e quais efeitos ele deseja agregar ao conhecimento do seu aluno na aquisição do idioma que está sendo aprendido. Não há necessidade que em todas aulas passem um texto e não trabalhar a pré, durante e pós leitura com aluno, pois a preocupação maior é que o aluno entenda o texto e possa utilizá-lo em seu auxílio adicionando a habilidade de leitura, compreensão, novos vocábulos do idioma.

Na terceira pergunta foi proposto que os entrevistados refletissem sobre o uso da gramática nas aulas de línguas e quão útil ela seja para o aprendizado.

#### 4.4 Pergunta Número 3

*Concorda com a seguinte afirmação? “É necessário ter um bom conhecimento da gramática de uma língua para que possa aprendê-la com mais proficiência?”*



Fonte: Pergunta Número #1 Questionário de Sondagem



Conforme o gráfico acima, 15% dos entrevistados afirmam que é necessário ter conhecimento sobre o uso da gramática da língua para aprendê-la de maneira eficiente, todavia 85% não concordam com a afirmativa, pois não é necessário o uso da gramática para aprender uma língua, no entanto Paiva (2012) salienta que:

A aprendizagem de gramática é um processo gradual e diferentes processos (formação de hábitos, conexões, interação, produção, etc.) são responsáveis por sua aquisição. O ensino de gramática em sala de aula não é o único responsável pela a aprendizagem, mas constitui um aspecto importante para desencadear o processo. (PAIVA, 2012, p. 55)

Mediante isso, é esclarecedor a necessidade de saber a gramática da língua estudada, pois ensinar gramática faz uma reflexão sobre as variações linguística da língua incluindo escrita e pronuncia segundo Paiva (2012, p.55). Por isso entende que o aluno precisa saber pelo menos um pouco da gramática do idioma que lhe é ensinado.

## **Consideração Final**

O presente estudo propôs refletir e expor a respeito de alguns métodos para o ensino de língua estrangeira dentro de um âmbito acadêmico, tendo como principal referência a autora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, que destacou a importância da pronúncia, escrita, leitura e gramática nas aulas de língua estrangeira.

De acordo com as reflexões e inferências contida nesse artigo, pode-se constatar que a gramática e pronúncia correta das palavras do idioma estuda não são prioridade para o profissional de línguas, mesmo sabendo de sua importância suas aulas são convertidas mais para o lúdico ou somente a superficialidade da língua, não somente isso, constatou que algumas interferências exteriores possam ser a causa desse desconforto, tais como: preparo profissional do docente, o tempo limitado das aulas, a falta de recurso didáticos que a universidade não oferece e o desinteresse do acadêmico.

Outrossim, a carência tanto da parte do discente e do docente em dominar ou conhecer bem sua língua materna, torna-se um fator crucial para dificultar a aquisição de uma língua adicional. O dobro de responsabilidade para professor, explicar ao aluno o que é verbo, como ele funciona e se emprega se ele desconhece essa classe gramatical na sua língua nativa. É importante também relatar todas as esferas que agregam conhecimento para um novo idioma, não somente a gramática, escrita, leitura, pronúncia e as não citadas nesse artigo. O professor deve atender-se a métodos que sejam eficazes consoante a necessidade de sua classe.

Todavia, esse trabalho não tem pretensão de declarar efetivo um ou outro método, pois pode haver várias maneiras de construção do aprendizado de uma língua estrangeira, sendo que

novos estudos sobre essa temática, devem ser realizados para trazer nova luz sobre o processo de ensino-aprendizagem na aquisição de uma segunda língua.

## Referências Bibliográficas

ARENAS, R. **Antes Que Anochezca**. Madrid: Tusquets Editores , 1996.

CAMERON, J. Titanic (1997) by James Cameron. **Screenplays for You**. Disponível em: <<https://sfy.ru/?script=titanic>>. Acesso em: 17 Outubro 2018.

CEA, B. Espanhol Na Rede. **Qual é a diferença entre segunda língua e língua estrangeira?**, 2016. Disponível em: <<http://espanholnarede.com>>. Acesso em: 11 março 2018.

FILHO, J. C. P. D. A. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. 6º. ed. Campinas-SP: Pontes, 2010.

GUINSKI, L. D. D. A. **Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Estrangeira**. 1. ed. Curitiba: [s.n.], 2008.

KELLY, G. **How To Teach Pronunciation**. England: Pearson, 2000.

MORAIS, R. D. **Filosofia da Ciência e da Tecnologia**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 1988.

NEWTON, J. **Teaching ESL/EFL Listening and Speaking**. New York-NY: [s.n.], 2009.

OCEAN (feat. Zeeba & IRO) Alok. **Letras**, 2018. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/alok/ocean-feat-zeeba-e-iro/>>. Acesso em: 18 Outubro 2018.

PAIVA, V. L. M. D. O. E. **Ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio - Teoria e Prática**. São Paulo: Edições SM, 2012.

\_\_\_\_\_. **Aquisição de Segunda Língua**. 1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

RAIMES, A. **Techniques in Teaching Writing**. New York-NY: Oxford University Press, 1983.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. **Línguas Adicionais na Escola - Aprendizagens Colaborativas em Inglês**. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

SCHMIDT, C. **O Livro Didático de Língua Alemã no Contexto de Formação de Professores no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

SOUZA, A. E. D. **O Perfil do Profissional de Língua Estrangeira**. Santa Maria: Pollaris, 2014.

VENTURI, M. A. **Tópicos de Aquisição e Ensino de Língua Estrangeira**. São Paulo: Humanitas, 2008.